

Deixem Sarney de fora

Villas-Bôas Corrêa



Curioso, mas vez por outra, baixam sobre a opinião pública certas evidências consensuais, todos se põem de acordo com o que está entrando olhos

a dentro e, no entanto, surda resistência da obtusidade e de ambições insofridas obstruem caminhos e dificultam uma espécie de pacto nacional tácito.

Agora, por exemplo. Não é preciso ser especialista nem esgrimir sensibilidade acima da mediania para perceber que, — quando faltam menos de cinco meses para o primeiro turno da sucessão presidencial, sinalizando o trecho final de longo e sofrido processo de transição, — nada é mais importante do que garantir a normalidade do desfecho, evitando turbulências, prevenindo para prover eventuais desvios da rota.

Ora, na mesma linha de raciocínio de lógica elementar, da mais primária constatação, é translúcida a necessidade imperiosa de preservar o esquema que funciona, um tanto aos trancos e sacudidelas, cuidando para que não se desmantele o essencial.

Pois bem. Uma das peças básicas da engrenagem da transição, insubstituível nas circunstâncias sem o risco de traumas de conseqüências gravíssimas, é o presidente José Sarney: o vice no exercício da presidência desde o primeiro segundo do mandato.

Claro que com a nova Constituição, na hipótese dramática de substituição a toque de caixa, as coisas ficaram mais simples, competindo ao Congresso, pelo voto indireto, eleger chapa para completar o resto de mandato que expira a 15 de março do ano que vem.

A simples referência à possibilidade arpeia os pelos dos sensatos e compele os supersticiosos a cruzarem os dedos para exorcizar fantasmas.

O que convém a todos, sem distinção de partidos e acima de quaisquer preconceitos pessoais, é levar o barco, — mesmo com o casco esburacado, a entrar água suja de inflação nos porões e na casa de máquina, — ao porto de desembarque, final do roteiro. Com o mínimo de abalos e torcendo para que o bom tempo facilite a viagem, dissipando tempestades que se formam na linha do horizonte.

A quem interessa, a esta altura, desestabilizar o governo que mal se equilibra nas pernas bambas e esticar a corda a um ponto de ruptura, que force a renúncia ou a derrubada de Sarney? Só a louco de hospício ou a golpista inveterado, filiado ao birutismo do “quanto pior, melhor”.

E a ninguém mais com um pingão de sensatez na cuca, capaz de enxergar a ponta do nariz.

O presidente José Sarney está fora da sucessão. Não apenas pelo que tem dito, jurado, repetido. Mas porque não tem como influir na indicação de candidato — pois o quadro está completo — nem de ajudar a eleição do seu sucessor.

Sarney não transfere voto. O gover-

no está mais abagunçado que casa de sogra: cada ministro joga com a camisa do seu interesse.

O apoio declarado do presidente liquidaria com qualquer candidatura, até com a que baila, com índices estonteantes, na liderança das pesquisas das diversas empresas.

Há muito mais. Para o presidente que chegou onde está catapultado por uma trama do destino, que provou o mel da popularidade na colmeia do cruzado e tem sido picado por todas as abelhas da rejeição depois que a festa acabou e dela sobrou o amargo do insucesso e a cobrança irada das contas da frustração, hoje só resta uma justa ambição para fecho da biografia: levar até seu termo a transição democrática. Com a eleição livre e a posse do seu sucessor escolhido pelo voto direto e majoritário de eleitorado que deve chegar muito perto de 80 milhões.

Se tais obviedades são inquestionáveis, Sarney deve ser estimulado a ficar fora da sucessão, preservado de desgaste que desembo que em crise assemelhada ao drama que mantém a Argentina em suspenso, a um passo da recaída ditatorial fardada. Um fio que se arranque das melenas do Carlos Menem e a represa pode transbordar.

Não só as pesquisas, mas a discussão da rua, a conversa do bar, o papo com o vizinho comprovam que o voto a 15 de novembro não será direcionado propriamente contra o governo. Pois o governo já era. O eleitor fareja o compromisso conseqüente e confiável em mudanças, definidas não propriamente na solenidade rançosa de programas, mas de propostas de fácil absorção, inteligíveis pelo eleitor comum e que a elas adira.

A tática de poupar Sarney para não balançar o galho da sucessão é da mais transparente conveniência de todos os candidatos. Como não se conhece presidencialista que se identifique como governista, continuador da Nova República, bater em Sarney não distingue pretendentes e só serve para atravancar o curto trecho que resta percorrer até o fim do percurso.

Se não interessa a ninguém com os parafusos em ordem agravar a fragilidade notória e preocupante do governo, muito menos deve convir ao PMDB e a seu candidato oficial, doutor Ulysses Guimarães.

O doutor Ulysses pode tentar conduzir sua campanha à margem do governo ou, se decidir bancar o azar, defendendo o governo que integrou, ao qual seu partido está umbilicalmente ligado, nele permanecendo com boa parte de quadros proibidos de subir aos palanques dos comícios.

Como oposição, está visto e provado que não dá. É mistificação além dos limites do suportável, dose letal de impostura.

A lição de ontem talvez sirva de advertência. As imprudências do candidato em aperturas, insinuando críticas ao governo, Sarney respondeu com uma das suas melhores estocadas desses tempos de caiporismo, lembrando que o doutor Ulysses “conhece muito bem o governo” a que pertence, substituindo-o 19 vezes nas recordistas interinidades presidenciais.

A campanha já ultrapassou o governo, disparou pelas vias do futuro. Deixar Sarney de fora é melhor para todos. Não tira nem dá votos e não atrapalha a sucessão.